

VIVÊNCIAS URBANAS NOS CONTOS DE “PARAÍÇOS ARTIFICIAIS”, DE PAULO HENRIQUES BRITTO

Ederval Fernandes Amorim¹; Aleilton Fonseca Santana

- 1 – Graduando de Licenciatura em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana; e-mail: ederval.fernandes@gmail.com
- 2 – Orientador, Departamento de Letras e Artes; aleilton@uol.com.br

PALAVRAS-CHAVES: Cidade, Literatura Brasileira, Urbanização.

INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou compreender e analisar a experiência urbana projetada sobre as personagens dos contos que compõem a coletânea *Paraísos Artificiais* (2004), do escritor carioca Paulo Henriques Britto.

Está muito presente nos contos de *Paraísos Artificiais*, narrados em sua maioria em primeira pessoa, o quanto o ambiente urbano (sobretudo na relação do indivíduo com o outro co-habitante do ambiente urbano) intervém na experiência de vida das personagens, e o quanto, de certa forma, elas estão presas a este cenário da urbe e são também reguladas por ele: mesmo que isto esteja à revelia de suas personalidades. De forma pacífica ou conflituosa, as experiências pessoais dos narradores-personagens do livro de Paulo Henriques Brito estão sempre ligadas ao ambiente das metrópoles onde vivem, e muitas das vezes dialogam inversamente com aquela ambígua dualidade preconizada pelo poeta francês Charles Baudelaire de que multidão e solidão não são termos que se excluem nos grandes centros urbanos (BAUDELAIRE, 2006, p. 67).

MATERIAIS E MÉTODO

O trabalho foi desenvolvido a partir da leitura crítica e da análise do livro *Paraísos Artificiais*, que incluiu a realização de fichamentos e resenhas no intuito de alcançar uma maior compreensão da obra e das relações nela contidas sobre as diferenças e semelhanças das cidades e das personalidades das personagens. O estudo contou com coleta de textos críticos sobre o autor e o livro, estudos de literatura comparada e psicologia, bem como textos que tratam da urbanização, da cidade moderna e do conceito geral de cidade.

DISCUSSÃO

Um estudo foi realizado em torno dos recursos literários utilizados pelo autor carioca Paulo Henriques Britto para atingir efeitos estéticos que dialogassem com a questão da cidade e da urbanização. Nele, puderam-se observar os paralelos que o autor traça com temas presentes na contemporaneidade como a solidão dos indivíduos, a aparente falta de sentido e orientação na vida do homem moderno e a superficialidade das atuais relações humanas. É comum no volume *Paraísos Artificiais*, com destaque para os contos “Coisa de família”, “Um criminoso” e “O companheiro de quarto”, a recorrência e a problematização destes temas supracitados. Paulo Henriques Britto transforma o ambiente urbano retratados nos enredos de seus contos, sobretudo naqueles destacados nesta pesquisa (“Coisa de família”, “Um criminoso” e “O companheiro de quarto”), como parte integrante do modo de ser das suas personagens.

No entanto, o ambiente urbano é apenas aludido, como uma presença que paira sobre as personagens, pois, em verdade, tomando como referência os contos acima citados, o que se apresenta como espaços da urbe são pequenos locais (apartamentos esqualidos, de apenas um cômodo) onde as personagens ou estão isoladas por sua própria vontade ou foram constrangidas a tal condição por outros motivos.

Se considerarmos a visão de Cássio Eduardo Viana Hissa, na qual ele diz que “na cidade, o ambiente é o homem: é feito de suas amarguras e sonhos. Na cidade, as densas relações entre os indivíduos estimulam o conflito e a contradição, mas, também, a aproximação entre o *eu* e o *outro*.” (HISSA, 2006, p. 90), podemos perceber que Paulo Henrique Britto também segue esta linha de pensamento, no sentido de que o ambiente urbano se expressa muito pelo conflito e pela contradição de seus personagens, que, ao mesmo tempo em que são moldados pelo espaço de estranhamento, são, também, constrangidos pelo espaço de aproximação.

Em “O companheiro de quarto”, por exemplo, dois rapazes dividem um pequeno apartamento de um quarto num grande centro urbano. O local não é claramente especificado, porém uma leitura atenta infere se tratar de uma grande cidade pelas indicações dos personagens segundo a vida que levam e pela maneira de serem. Um é estudante e outro trabalha. Ambos estão dividindo um apartamento de um cômodo, mas são completamente estranhos um ao outro. Embora durmam no mesmo quarto e dividam, por isso, uma intimidade à revelia de suas vontades, eles mantêm um distanciamento emocional que é completamente inverso à aproximação física obrigatória pelo pouco espaço que dispõem no pequeno apartamento. Esta aproximação física e esse distanciamento emocional configuram, portanto, a “segunda história do conto”, partindo da afirmação do argentino Ricardo Piglia de que um conto sempre conta duas histórias (PIGLIA, 2004).

Este tema da aproximação física ser o inverso da aproximação emocional é tema também do conto “Coisa de família”, o qual o narrador-personagem se vê obrigado a participar de uma ceia de natal na casa da família de seu vizinho pelo motivo de parecer descortês com ele, apesar de pouco se falarem. Imerso numa realidade que pouco lhe atrai e lhe diz respeito, o narrador-personagem se sente incomodado por conviver e presenciar momentos totalmente íntimos de uma família a qual ele conheceu momentos antes. Excluído, por não ser membro da família e, no limite, por não pertencer àquela cultura (no conto, o narrador-personagem está morando fora do seu país) ele se transforma num *outside*, cujo olhar sobre os “outros” está sob a perspectiva de quem não faz parte daquele ciclo social, e por isso não está emocionalmente ligado aos acontecimentos da noite, além de sentir-se necessariamente sozinho com o lugar que ocupa.

O conto “Um criminoso”, por sua vez, embora conceba desde suas linhas iniciais um personagem-narrador solitário (um *outside*), não se trata necessariamente sobre a aproximação física e o distanciamento emocional das personagens. Poderíamos afirmar se tratar do seu inverso: o distanciamento físico e a aproximação emocional. Esta aproximação emocional se dá, sobretudo, porque o narrador-personagem projeta naqueles a quem observa a mesma melancolia e a mesma solidão a que está sendo acometido. Sozinho em seu apartamento, ele passa a maior parte da história observando pessoas na rua e elucubrando historietas e personalidades para elas. Todos os seres narrados pelo observador solitário possuem uma incontornável melancolia e uma

irremediável solidão, desamparados que são. Esta projeção da própria solidão no outro é recorrente na obra de Paulo Henriques e corrobora uma afirmação do escritor italiano Ítalo Calvino a qual “É o humor de quem a olha que dá a forma à cidade” (CALVINO, 2004, p. 69).

CONCLUSÃO

Após as leituras e interpretações da obra *Paraísos Artificiais*, com destaque aos contos “O companheiro de quarto”, “Um criminoso” e “Coisa de família”, foi possível observar como o autor, através do seu discurso narrativo, consegue impor uma presença necessária, ainda que obscura, da cidade enquanto elemento de interferência nos modos de agir e nas vivências das suas personagens.

Observou-se, também, a determinação do autor em retratar, em seus contos, suas crenças em relação ao homem contemporâneo, cuja presença constante da solidão se deflagra na superficialidade e na fugacidade das relações humanas.

É possível concluir, enfim, a importância que o autor enxerga na Cidade e no paralelo entre o modo de vida urbano e as suas implicações na experiência de vida dos seres humanos. Para Paulo Henriques Britto, as cidades modernas impelem ao homem diversas experiências conflituosas entre o indivíduo e o todo, sendo, portanto, responsáveis por profundas transformações na maneira de agir e pensar deste homem.

REFERÊNCIAS

- BAUDELAIRE, Charles. **Pequenos poemas em prosa**. Trad. De Gilson Maurity. São Paulo: Record, 2006.
- BRADBURY, Malcony. As cidades do modernismo. In: MODERNISMO : guia geral - 1890-1930. Sao Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BRITO, Paulo Henriques. **Paraísos artificiais**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. 2. ed. 3ª reimpr. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2002.
- GOMES, R. C. 1994. **Todas as cidades a cidade**. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 208 p.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana. Ambiente e vida na cidade. In: BRANDÃO, C. A. L. (org.) 2006. **As cidades da cidade**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006.
- PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.